

Entrevista II

Entrevistador – A

Entrevistado - B

A - Depois de concluir o Processo de RVCC, continuou a estudar?

B – Sim... Tirei o cap, que me permitiu dar formação na minha área, em tic, que também tenho vindo a dar algumas formação e também em inglês, porque eu tava na Inglaterra durante seis anos e permite-me estar completamente à vontade com o inglês, até um certo nível, tive a dar várias formações em Portimão, na Gaivota, e tive a dar outras formações por aí, não continuo a dar porque o meu horário não me permite.

A -Caso não tivesse o 12.º ano, não poderia dar essa formação?

B – Bom, era mais difícil, vamos lá ver, tanto a nível burocrático, como também a nível pessoal, o 12.º ano dá-nos outra segurança, percebe? Não é só dizer que temos o 12.º ano, nós sabemos que temos muitas mais competências do que um miúdo que tenha o 12.º ano através da escola, porque nós temos experiência de vida. Por exemplo, eu vejo por mim, quando fui a uma entrevista para a Auchan, eles pediam uma pessoa formada a nível superior, em gestão, e quando fui a entrevista eram 32 pessoas a concorrer para aquele cargo (...) Quando cheguei a LX e vi aquela gente toda eu pensei que seria completamente impossível, mas no fundo fui eu que fiquei, porque eles viram no meu currículo experiência de vida, que é o que se quer nos dias de hoje, rapidez na execução, aliada à qualidade, como é obvio... escolheram-me e como eu já tinha o 12.º ano completo, claro que isso abriu-me outras portas...

A – Nesse sentido 12.º ano foi uma mais-valia para ocupar esse cargo?

B- Sim, sem dúvida, sem dúvida...Se concorre-se aquela vaga com o 9.º ano, nem se quer me chamavam à entrevista, sem qualquer dúvida... Hoje também, tou inscrito num curso superior de desporto, mas isso é lá em cima, vamos ver se entro, mas isso vai ser mais difícil conciliar...

A – Antes de ingressar No 12.º ano, nem pensava, por exemplo, em ir para a Universidade?

B – Não, não, claro. Apesar de toda a minha família ser formada, o meu pai, tios, parte deles são catedráticos. E aí eu sentia-me um pouco à parte, sendo que a família tem por ideais estudar e evoluir, porque realmente quis ganhar dinheiro cedo, então com 15 anos fui para a Inglaterra trabalhar e consegui encontrar o meu caminho. Por vezes temos que voltar a traz reconhecer o erro de ter deixado de estudar e retomar o rumo e foi isso que eu fiz.

A – Hoje olha de forma diferente para a educação e Formação?

B – Completamente, completamente. Mesmo com os meus filhos dou-lhe outra atenção neste sentido. Por exemplo a minha filha tem 11 anos, está no 7.º ano e eu tento acompanhá-la diariamente, não só para ajudá-la mas também para estar a par de tudo, porque por exemplo da matemática, é engraçado que explico-lhe umas coisas e ela explica-me a mim .

A – E já fazia esse acompanhamento antes de concluir o 12.º ano?

B – É assim, fazia mas não com esta dinâmica, apenas quando ela precisava de ajuda, o meu pai também a ajudava, mas quando eu ajudava não via como uma oportunidade também de

aprender com ela, como acontece hoje. Eu por exemplo, deixei a escola porque quis, os meus pais nunca me falharam e tive tudo para ter uma boa vida e não os culpo por ter deixado a escola, mas creio que se os meus pais tivessem me dado o acompanhamento que dou aos meus filhos, certamente eu não teria deixado a escola.

A– Uma questão, o Luís quando estava cá no centro estava a trabalhar num restaurante, certo? O facto de ter mudado de emprego foi despoletado pelo 12º ano?

B – Completamente, eu também já tinha um grande currículo na área de gestão, desde 1999 (...) Mas sim, foi muito bom porque tive uma formação de seis meses, intensiva, para mim era impensável pensar que a esta altura iria ter esta formação que me pudesse abrir uma porta e dar-me um futuro completamente diferente. Mais que não seja para ter vida para acompanhar os meus filhos, estar com eles, vê-los crescer, para um dia mais tarde não vir a pensar sobre isso, pois muitas vezes com a falta de tempo e ambição em ganhar dinheiro deixamos muita coisa para trás.

A -O facto de ter mudado de emprego alterou a nível de vínculo e ordenado?

B – Sim, completamente... Valores completamente diferentes, não tem mesmo nada a ver, para melhor, claro. Não só em termos de carga horária e horário, ordenado e condições a nível de saúde, muita mais regalias. Também tenho noção que tenho um bom currículo que justifica este emprego, tenho muita experiência fora do país, já trabalhei em Inglaterra, Tunísia, Senegal, Turquia, Forte Ventura, então tenho um leque que me dá competências de língua e experiência profissional (...) Há muitas pessoas, não é o desacreditar o processo de rvcc, mas que tiram por tirar, ou para dizer que têm, o que não foi o meu caso. E o que vocês fazem cá, um follow up das pessoas que já terminaram é muito bom, porque às vezes sentimo-nos pedidos e vir cá e saber que posso fazer um curso tecnológico e isto e aquilo, é bom .

A- Ainda há pouco falou que preocupa-se acompanhar o desenvolvimento das tic. A nível da informática, acha que aprendeu competências aqui no processo, ajudou-o?

B – Ajudou, sem dúvida, vamos lá ver e o aprender aprendemos todos os dias, e ajudava muito os trabalhos serem entregues em Word, a apresentação em power point, as tabelas em Excel, etc...Embora na minha vida profissional já tenha vindo a trabalhar com programas variadíssimos, desde Publisher e outros...Tenho trabalhado imenso com as novas tecnologias e frequentei várias formações a nível de informática e língua, nomeadamente o alemão.

A – O *Manuel* tem um bom cargo, como director comercial, contudo, acha que tendo o 12.º ano e a formação profissional que tem pode levar a ainda ascender mais a nível profissional?

B– Claro, ainda mais que eu vou tirar um cursos superior e disso que ninguém duvide, eu não tenho duvidas nenhuma disso, agora o meu único impasse é a área e que eu quero é muito complicada no Algarve, que é a área do desporto, embora eu podia fazer a formação em Gestão hoteleira, teria mais vantagens a nível profissional, mas não é a área que me completa.

A – Quanto à gestão do seu tempo. Como fez para conciliar a sua vida profissional com o processo e com a sua vida pessoal?

B – Pois, o português é muito engraçado porque nunca tem tempo para nada e passa a vida a passear no shooing e estamos em crise não gastamos dinheiro mas continuamos a passar a vida

nos shooing, e os nossos filhos estão obesos e a primeira coisa que fazemos é levá-los ao Mac Donald no shooing, é pô-los no computador para não nos chatearem, mas isto não é educação... Eu hoje, chego do trabalho e vou treinar e levo os meus filhos comigo, pode não estar a correr, mas estão a mexer-se e não estão colados à televisão e convivem com pessoas... Por exemplo, muitos trabalho fiz em família, depois do jantar, a minha esposa ajudou-me a relembrar coisas que eu já não me lembrava, os miúdos têm uma memória espectacular e até ajudaram-me a relatar certos trabalhos. Por exemplo, há dez anos fui à Alemanha e entrei em choque que o meu irmão só ligava a televisão ao fim de semana, mas a verdade é que hoje, em família eu faço o mesmo e é uma forma de rentabilizar o tempo e o pouco tempo que acabamos por estar em família todos junto, torna-se mais proveitosos, porque há um diálogo de família.

Agora há pouco tempo, tive um louvor do Vilas boas, devido a um trabalho voluntário que fiz no refúgio Aboim Ascensão, porque treinei miúdos para o crosse das amendoeiras e fiz um intercâmbio com miúdos carenciados de Peniche. Foi extremamente gratificante, e quando chega um miúdo com 9 anos e pergunta se pode tocar o prémio que ganhou, que era ser treinado pelo Albiqel, por comida para os irmãos... é complicado.

A – Acha que o processo, devido à área de cidadania pode fomentar a participação em voluntariado e associativismos?

B – Completamente e não só. Este processo cria um impacto nas pessoas e por sua que frequenta acaba por influenciar amigos, colegas, famílias (...)

A – No seu caso, influenciou alguém?

B – Influenciei a minha esposa que hoje está a frequentar na escola secundária de Albufeira, através do pingo doce, que é onde trabalha.

A – O facto de praticar voluntariado, já o tinha feito anteriormente ou pode-se dizer que foi influenciado através do processo de RVCC, na área da Cidadania?

B – Eu sempre tive ligado, mas acho que a área da Cidadania acaba também por sensibilizar. Tenho feito muito voluntariado nesse sentido, através do desporto e também desencadeou o facto de ter um horário mais disponível, o facto de ter o fim-de-semana livre.

A – Voltando à questão da família, como fez para gerir as tarefas domésticas?

B – Eu todos os dias levantava-me às 05 da manhã para ir treinar, ia trabalhar e voltava a treinar à tarde. O facto de só ter que vir ao centro uma vez por semana facilitou muito, pois os trabalhos faia em casa, como já disse, muitas vezes em família. O dia tem 24 horas, são muitas horas, nos é que temos a tendência a dizer que não dá para nada, mas dá para fazer muita coisa.

A – Em termos dos assuntos que desenvolveu no processo de rvcc, qual foi aquele que acha que descobriu mais coisas novas?

B – Poderei dizer Ambiente e sustentabilidade, se bem que muita coisa aprendi em Inglaterra, quando cheguei a Portugal vi o quanto estávamos atrasados neste sentido. Se bem que são países muito diferentes, não se pode comparar, por exemplo em Londres toda a gente utiliza transportes públicos, o que já não se adapta aqui em Portugal.

A – Então acha que no processo ficou mais sensibilizado para o tema do ambiente?

B – Sim, eu já tinha uma postura correcta, mas acredito que foi benéfico para muita gente, pois as pessoas aprendem muito por exemplos.

A – No que diz respeito à separação de resíduos, já o fazia antes de ingressar no processo?

B – Sempre fiz, primeiro porque ao trabalhar na hotelaria, como o HACCP sempre fiz e daí passei também a fazer em casa, sobretudo quando se tem crianças em casa.

A – Ao longo do Processo, foi falado sobre as formas de pagamento de impostos associado às novas tecnologias. Este pagamento sempre fez através das tic?

B – Sou sincero, não fazia, só ainda há não muito pouco tempo é que pedi a minha senha das finanças para fazer o IRS através da internet, hoje também já tenho a factura electrónica da EDP. Antes era através de um contabilista, hoje já faço muita coisa através da internet.

A – Acha que essa utilização teve influencia do processo de RVCC?

B – Sim, teve alguma, sim, porque o processo obriga-nos a estar sempre ligados às tic, faz com quês estejamos diariamente a fazer pesquisas e como é óbvio aprendemos com isso e encontramos sempre coisas novas(...)

A – Recorda-se de fazer uma tabela com as suas receitas e despesas?

B – sim, sim,

A – Já alguma vez tinha feito este balanço do seu orçamento familiar?

B- Não tão delineada como fiz durante o processo, mas tenho a plena noção das prioridades e valores que poderei gastar, agora juntar as contas todas e chegar a valores exactos, isso nunca tinha feito. Uma das coisas que aprendi no processo, para poupar no orçamento familiar, é que nunca se deve fazer as compras com o multibanco, porque não se tem a noção do que se gasta, é diferente se for com dinheiro... Não fazer compras com fome, foi outra dica que aprendi nas pesquisas e faço hoje em dia.

A – Em termos de tempos livres, costuma ler nos tempos livres?

B – Muito.

A – E sempre teve esse hábito?

B – Sim, desde sempre, desde menino que eu leio. Leio muito, muito.

A- Que tipo de leitura?

B – Desportivo, claro. Ush, Dalai-lama, livros técnicos, banda desenhada. O último que li foi Miguel Sousa Tavares, “viagens”... Tenho por norma todos os dias antes de dormir ler e ler também na praia.

A – E sobre o que leu no processo, recorda-se?

B – Li vários livros escolares, informação sobre Ambiente, entre outros, muitas revistas...

A – Quanto às redes sociais, já se rendeu?

B – Tenho facebook, mas utilizo mais para comunicar com pessoas que estão em Inglaterra, assim como o skype. Se bem que tenho muitos cuidados, não ponho fotos nem passo a minha vida. Por exemplo há pouco tempo li na visão, alguns cuidados a ter, por exemplo não dizer que vou de férias e a casa vai ficar vazia, mesmo em termos de palavras de acesso, optar por palavras menos óbvias...(...)

A – E já pertencia às redes sociais antes de ingressar no processo RVCC?

B – Sim, já.

A – Acha que poderá ter influência do processo?

B – sim, para certas pessoas, porque há pessoas que no meu grupo nunca tinham visto o computador, não dominavam a informática e aí penso que sim.

A – Depois de concluir o 12-º ano, quais foram as mudanças na sua vida?

B – Como já disse foi o novo emprego, de certeza absoluta que se não tivesse o 12-º ano, não tinha este emprego. A nível de continuar os estudos, caso não tivesse o 12.º ano, me passava pela cabeça ingressar na universidade.

A – E a nível do Associativismo?

B – Também, porque como já disse, o 12.º dá-nos outra segurança para abraçar mais projectos, hoje pertença à fundação “Make a Wish”, na altura vi na televisão fui logo pesquisar e propus alargar esta fundação a Portugal. Consiste em concretizar desejos a crianças carenciadas, coisas simples que monetariamente não envolvem custos, é só uma questão de contactos, por exemplo, poderia ser conhecer o Cristiano Ronaldo, como já aconteceu.

A - Mas neste caso não era necessário o 12.º ano, certo?

B – Não, não era preciso, mas era precisa a segurança a auto-estima que o 12.º ano dá para lançar-me a este projecto, era necessário meter na minha cabeça e era capaz de fazê-lo, o que não aconteceu antes, se calhar por ter apenas o 9.º ano. Ouvia falar destes projectos, mas não me sentia preparado para avançar e realmente depois senti-me muito confiante. A nível de auto-estima é completamente diferente, hum...eu vi por exemplo quando tirei o cap, havia uma senhora com a 4.ª classe, era cabeleireira, mas sabia mais do que nós todos, mas via que ela não se sentia à vontade connosco, porque tinha a 4.ª classe, mesmo na apresentação quando dizia a escolaridade, ela dizia mesmo com vergonha... Por exemplo, vou fazer agora a maratona de NY, preenchi a inscrição, até me senti mais confiante a colocar que já tinha o 12.º ano.